

## **A respeito da relação correta com a Antroposofia** **Rudolf Steiner**

GA 117\* Stuttgart, 13 de novembro de 1909

Tradução: Salvador Pane Baruja, 15/10/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

O que frequentemente se fala em conferências sobre os ciclos que transcorrem em períodos de sete anos não é uma força de expressão, mas realmente corresponde a uma lei da existência. Na medida em que concluímos um ciclo de sete anos no nosso movimento científico-espiritual, na verdade deveríamos refletir por alguns momentos sobre a nossa aspiração, sobre todo o nosso trabalho.<sup>NT</sup> Este trabalho só é possível quando o movimento espiritual transcorre de tal maneira que, de certo modo, a sua regularidade interior contém um pouco das leis da grande ordem universal. A ordem universal transcorre em ciclos, aos quais pode se atribuir o número sete. Temos sete estados planetários, sete estados no interior dos mundos planetários, etc. Mas num movimento como o nosso o número sete também tem o seu lugar e, após sete anos, a aspiração {inicial} retorna ao seu ponto de partida, sendo que nesse intervalo ela absorveu aquilo que foi trabalhado. A aspiração retorna ao seu ponto de partida a um nível superior. Algo assim só pode ser atingido quando a profunda regularidade interior da questão {que originou o movimento} também continua sendo cultivada.

Se os senhores olharem retrospectivamente como temos trabalhado nesses sete anos, poderão constatar que, de fato, houve uma certa continuidade nesse trabalho. Evidentemente, não podem tomar isso ao pé da letra, mas, na essência, é assim mesmo. Podemos dizer que, nos quatro primeiros anos, fixamos as bases de nosso trabalho. Nesses quatro primeiros anos, conquistamos um certo conhecimento sobre a essência do ser humano, um certo conhecimento dos caminhos que levam aos mundos superiores, um pouco sobre as grandes relações cósmicas e daquilo que pode-se chamar de conferir os resultados das pesquisas na Crônica do Akasha<sup>NT</sup> em relação aos segredos dos mundos.

Os membros que ingressaram posteriormente tiveram que adquirir essa base segura e insubstituível de nossas aspirações e ainda terão essa necessidade no futuro. Pois o que se conseguiu adquirir nos últimos três anos não é de jeito nenhum suficiente para avançar corretamente neste movimento. Se os senhores olharem retrospectivamente, verão que nos últimos três anos, de certo modo, expandimos de maneira impressionante as verdades e os conhecimentos com os quais os senhores se depararam. Se os senhores tentarem estabelecer uma relação com o que se cultivou nos quatro primeiros anos do nosso trabalho, por exemplo a base quadrimembrada da totalidade, verão que as grandes e abrangentes verdades, que também são impressionantes, possuem uma relação íntima com o que aconteceu nesses quatro anos.

Os senhores estarão convencidos disso se refletirem no seu íntimo. Os membros que ingressaram nos últimos tempos deveriam levar no coração a convicção de que não deveriam de maneira nenhuma perder a chance de chegar a construir uma base florescente desses conhecimentos. Por toda a parte onde este trabalho for realizado, vamos cuidar cada vez mais para

---

NT: Aparentemente, Steiner refere-se aqui ao seu início como conferencista em 1902, pois somente dois anos depois passou a dirigir a seção alemã da Sociedade Teosófica.

NT: veja A Crônica do Akasha (GA 11) Antroposófica, São Paulo, 2017, originalmente publicada em alemão em 1904.

que, quem ingressar, possa receber o que foi trabalhado anteriormente. Somente assim é que os novos membros poderão realmente acompanhar o trabalho. Devemos levar muito a sério este trabalho científico-espiritual. Nesse sentido, deve-se falar hoje sobre um tema de nossa atualidade que tem mais a ver com a mentalidade e com toda a forma da representação espiritual: qual é a forma correta do antropósofo se relacionar com a própria Ciência Espiritual?<sup>NT</sup>

O que desejo dizer com isso fica mais claro se eu perguntar de outra maneira: porque é que a Antroposofia é ensinada hoje do jeito que isso acontece? Porque são apresentadas comunicações sobre os mundos superiores, comunicações que são o resultado da pesquisa espiritual, da consciência clarividente? Não seria possível proceder de forma completamente diferente, dando inicialmente instruções a cada pessoa para que ela possa desenvolver as qualidades que dormitam na sua alma, de tal jeito que ela teria, através dessas instruções, a possibilidade de penetrar passo a passo nos mundos espirituais, mesmo antes de receber informações sobre fatos desses mundos, como hoje acontece?

Deve-se dizer que, de certa forma, esse era o costume do passado, assim era antes do nosso movimento científico-espiritual no sentido moderno da palavra. Durante muito tempo, falou-se que seria pouco útil se alguém se apresentasse ao mundo e comunicasse os resultados da pesquisa espiritual. E as pessoas agiam da maneira mais discreta possível sobre eses informações. As pessoas praticamente se restringiam a dar regras aos interessados de como poderiam desenvolver as qualidades que dormitavam nas suas almas e, no fundo, só ficaram sabendo daquilo que elas próprias conquistaram nos mundos superiores. Pode-se perguntar: porque é que esse caminho deixou de ser trilhado, e, no seu lugar, hoje comunica-se os resultados das pesquisas espirituais da Antroposofia?

Essa {nova forma de trabalhar} não surgiu pela preferência pessoal ou a arbitrariedade de alguém, mas existem bons motivos para o seu surgimento. Vamos entender melhor o que bem devemos entender quando nos perguntarmos repetidamente: o que comunica realmente a Ciência Espiritual? Ela informa sobre os fatos e as verdades dos mundos superiores, ela informa aquilo que a consciência clarividente pode pesquisar nesses mundos.

É verdade que quem receber essas comunicações e não for clarividente não poderia inicialmente se convencer por meio de sua própria contemplação {da veracidade} desses fatos. É verdade que a pessoa recebe essas comunicações e não pode comprovar a sua veracidade por meio da própria clarividência. Isso é realmente verdadeiro. Mas acreditar {nessas comunicações} seria completamente errado e seria uma opinião incorreta se se afirmar que as comunicações da consciência clarividente deveriam ser meramente aceitas de boa fé, pela simples {submissão à} autoridade. Essas comunicações teriam algo altamente imperfeito, insuficiente, se estivessem baseadas na mera autoridade, na exigência de se acreditar nelas.

---

NT: a Antroposofia foi criada em 1912, mas neste texto de 1909 (como em outros anteriores a essa data) aparece a expressão “antropósofo”, embora nessa época Rudolf Steiner ainda fosse o dirigente da Sociedade Teosófica na Alemanha. Conforme a seção *Observações* da edição de 1986 desta GA, “as palavras ‘Teosofia’ e ‘teosófico’, utilizadas por Rudolf Steiner no sentido de uma Ciência Espiritual de orientação antroposófica, foram substituídas pelas expressões ‘Antroposofia’, ‘antroposófico’, ‘Ciência Espiritual’ e ‘conhecimento espiritual’, nas passagens objetivamente justificáveis”. Nesta mesma edição, consta que Rudolf Steiner não leu o texto da transcrição da presente conferência. Portanto, conclui-se que essas mudanças realizadas no texto aqui traduzido não são de sua autoria.

Já se falou várias vezes que, aquilo que é comunicado legitimamente, somente pode ter sido pesquisado por meio da consciência clarividente. O que foi pesquisado, contemplado e comunicado por uma única pessoa pode ser julgado por qualquer pessoa por meio de sua razão imparcial, por meio daquilo que lhe é acessível no plano físico. Deve-se também dizer que, mesmo que nem todos os aqui presentes tenham a possibilidade de conferir tudo isso da maneira mais imparcial possível, eles podem pelo menos criar as condições para isso, se tiveram tempo e as faculdades necessárias, mesmo que somente as faculdades do mundo físico.

Se nós mesmo considerarmos as difíceis questões que foram abordadas nas últimas conferências, sobre as encarnações de Zaratustra, cujo corpo astral passou para Hermes, que o corpo etérico de Zaratustra passou para Moisés, vemos que ninguém que conhece estas questões a partir da pesquisa espiritual tem o direito de afirmar que se deve simplesmente exigir a crença cega {do ouvinte}. Não, não é nada disso! Pode acontecer de alguém afirmar que não está de acordo com o pesquisador clarividente que afirmou essas coisas sobre Zaratustra e suas encarnações. Pode ser que alguém queira pesquisar da maneira mais cuidadosa e por todos os meios disponíveis no mundo físico o que a História relata, o que consta de documentos lavradas em pedras, tudo o que existe em documentos religiosos. E se as afirmações {do pesquisador espiritual} foram corroboradas pelos fatos que podem ser constatados exteriormente pelo interessado? Aí ele poderá ver que, à medida que avançar meticulosamente, os fatos comunicados pelo pesquisador clarividente serão confirmados.

Se a palavra temor tivesse algum significado neste contexto, pode-se dizer que a pesquisa científico-espiritual pode eventualmente temer uma prova inexata, mas não teme nada daqueles que tentam exaurir os meios que a pesquisa material possui. Eles verão que as afirmações do pesquisador clarividente serão confirmadas à medida que a sua própria pesquisa avançar. Mas para aqueles temas que não são remotos demais e nem são muito difíceis, que se referem ao carma e à reencarnação, à vida entre a morte o novo nascimento, eles podem ser observados meramente pelo que a vida oferece. Enquanto a pessoa observar mais exatamente, maior confirmação terá daquilo que o clarividente disse. Isto é, existem numerosas possibilidades de se conferir no mundo físico exterior aquilo que se recebe {como comunicações} dos mundos suprassensíveis. Não deveríamos aceitar isso de maneira leviana, mas deveríamos observar como sendo uma necessidade indispensável. Inicialmente, deveríamos buscar a comprovação dos fatos na vida mesma, o que possivelmente poucas pessoas podem fazê-lo. Não devemos de jeito nenhum repetir a frase feita de que a pessoa deve aceitar tudo isso de boa fé! Não, aceitem o mínimo que for possível de boa fé e, no lugar disso, confirmem, verifiquem, não parcial, mas imparcialmente! É isso que inicialmente pode ser enfatizado.

Só que, de certa forma, é cansativo proceder a uma verificação dessa natureza. Ela exige que a pessoa pense, que trabalhe, que ache as provas no mundo físico do que foi dito a partir da pesquisa clarividente. Assim chegamos ao ponto que deve ser abordado e que corresponde à questão que realmente queria falar. É necessário, ou pelo menos é bom para o ser humano da atualidade, que, além da legítima aspiração de ter acesso ao mundo espiritual, a pessoa interessada se ocupe detalhada e enérgicamente dos meios convencionais de conhecimento e dos métodos convencionais de pensar do mundo físico? Em outras palavras, é bom para o discípulo espiritual vencer toda a comodidade que ele traz abundantemente do mundo não espiritual e construir com seriedade seu mundo do pensar, apropriando-se e utilizando os métodos que conhece do mundo físico? Isso é bom para ele aprender, muito especialmente em relação ao modo de pensar? É mesmo extremamente

difícil mostrar à consciência da atualidade de maneira clara e precisa o que se pode entender disso tudo.

Certa vez, uma pessoa me solicitou que lhe recomendasse uma leitura, porque queria avançar na área antroposófica e, ao mesmo tempo, pensar cada vez mais os pensamentos espirituais. Para que a pessoa treinasse o pensar, e assim pudesse delinear agudamente os pensamentos que receberia, recomendei o estudo de *A Ética*, de Spinoza<sup>1</sup>. Poucas semanas depois, essa pessoa me escreveu, dizendo que não entendeu porque deveria estudar esse livro relativamente grosso, que só tinha a ver com a prova de que Deus existe. Ele nunca tinha duvidado disso e não precisava de longos processos pensantes para provar a existência de Deus. Os senhores vêem, esse é um exemplo da comodidade que muitas pessoas trazem para a Ciência Espiritual. Elas ficam, digamos assim, rapidamente satisfeitas quando têm acesso a uma crença e temem o incômodo de construir passo a passo a conquista de cada pensamento, o que lhes é desagradável. Mas através disso só pode surgir uma pessoa que crê cegamente, enquanto que os senhores verão que essa fé cega deixa de existir quando os senhores realmente treinarem o pensar e passarem a querer construir ávida e simplesmente as forças que, digamos, levam ao nível inicial da clarividência.

Certamente, não se deveria dizer nada contra a aspiração a desenvolver as forças ocultas da alma. Essa é uma bela e boa aspiração. Mas, por outro lado, deve-se enfatizar que, ao mesmo tempo, é necessário, paralelamente às forças físicas do pensar, treinar as capacidades de conhecimento que inicialmente nos são dadas no mundo material, mesmo que de forma incômoda, para que se possam estar em condições de criar representações aguçadas e conceitos precisos daquilo que nos é comunicado dos mundos superiores. Pode-se acreditar facilmente que o grau mais inferior de clarividência seja melhor do que ouvir muito através de conceitos racionais dos fatos dos mundos superiores. Alguém poderia aduzir que não sabe porque está nessa sociedade, onde se fala das coisas dos mundos superiores, o que considera ser muito bonito, mas que preferiria mesmo é chegar a ver nem que seja um pouquinho por meio da visão clarividente.

Eu conheço um teósofo muito ilustrado que expressou da seguinte maneira a sua íntima aspiração de ver além da mera erudição: “se eu pelo menos pudesse ver uma única vez o final do rabinho de um ser elementar!”. Isso é certamente compreensível. Pode-se entender perfeitamente quando alguém fala assim. Esse teósofo nunca diria que sacrificaria os conhecimentos das verdades espirituais. Mas isso também pode acontecer, de alguém sacrificá-los se, em troca, pudesse ter um pouco de clarividência. Contudo, esse sentimento é terrivelmente equivocado em todos os sentidos. Vivemos numa época de desenvolvimento da totalidade do pensar consciente. Como já foi repetidamente falado, a época da antiga Índia tinha uma forma muito diferente de consciência, que lembra a clarividência sonâmbula, apática. Passo a passo, foram desenvolvidas as atuais qualidades e somente com o desenvolvimento da alma da consciência é que recebemos o pensar humano no círculo do desenvolvimento da Terra. É por isso que hoje a Ciência Espiritual deve ser trazida do mundo suprassensorial e que ela apela para o pensar racional do ser humano.

Devemos ver claramente a seguinte diferença: ninguém precisa ser um pensador para praticar a mera clarividência visionária. Seu pensar pode ser muito primitivo e, mesmo assim, avançar muito na contemplação do plano astral e, até certo ponto, do *Devachan* {NT: conceito originalmente sânscrito, traduzido como mundo espiritual, superior ao mundo astral}. Portanto, essa pessoa pode avançar, pode ver muito {desses planos}. Outro caso possível dá-se quando alguém sabe muito, mas muito mesmo sobre as verdades espirituais e nada tem de clarividente, não está em condições de ver coisa nenhuma, nem mesmo o final do rabinho do ser elementar. Isso também pode acontecer. Então, surge a pergunta: como se relacionam realmente entre si essas diferentes qualidades da alma humana?

---

<sup>1</sup> Baruch Spinoza (1632-1677) escreveu entre outras obras *A Ética* (1677).

Devemos enfatizar especialmente que não se deve confundir entre ter algo [dessas qualidades anímicas} e ter consciência desse algo. É muito importante ter isso em mente. Os senhores entenderão melhor a pergunta se a formularmos de outra maneira. Todos os senhores foram clarividentes em algum momento do passado remoto. Pois todos os seres humanos foram clarividentes em tempos imemoriais, puderam ver clarivamente no passado. Os senhores podem se perguntar: e porque nós não lembramos nada das nossas encarnações passadas se já naquelas épocas podíamos ver no passado?

Isso deveria ser uma prova para os senhores do fato de que a mera lembrança de que já foram clarividentes não ajuda em nada {na atualidade}. Os senhores podem perguntar: se agora fossem clarividentes e se lembrassem das vidas passadas, isso ajudaria numa próxima encarnação? Os senhores podem desde já ter certeza de um fato, de que a clarividência do passado em nada ajuda a lembrar-se de vidas passadas. Porque é que tantas pessoas não se lembram das vidas passadas? A pergunta é da maior importância. Essas pessoas não se lembram de suas vidas passadas, mesmo que no passado tenham sido clarividentes em maior ou menor grau, porque naqueles tempos não cultivaram aquelas qualidades que são próprias do eu. Pois não se trata de que a pessoa naquele passado tenha cultivado qualidades clarividentes, mas de que já tenha cultivado a base daquilo que poderia ser visto {numa vida posterior}.

Mesmo que essas pessoas tenham sido clarividentes no passado, se elas não se dedicaram a cultivar as faculdades do eu, falo especificamente da capacidade de pensar, de discernir, que são as faculdades especiais do ser humano aqui na Terra, isso significa que o eu não esteve presente nas encarnações passadas. Se o eu não esteve presente {na Terra}, como é que alguém poderia lembrar-se alguma coisa? A pessoa deveria ter-se dedicado a ter um eu fechado em si mesmo nas encarnações passadas. Essa é a questão! Portanto, somente aquelas pessoas que em encarnações passadas cultivaram os instrumentos do pensar, da lógica e do discernimento podem se lembrar hoje daqueles tempos passados. Elas podem se lembrar. Logo, mesmo que alguém tivesse desenvolvido muito a clarividência, se essa pessoa não desenvolveu os instrumentos do discernimento e do pensar lógico não pode se lembrar de encarnações passadas. Ela não marcou no passado aquilo que posteriormente poderia lembrar. Quando os senhores realmente entenderem a Antroposofia verão que nunca é cedo demais para conquistar as qualidades do pensar fundamentado.

Claro, os senhores podem dizer: se eu for clarividente, aí vou receber a faculdade do pensar lógico de maneira espontânea. Não é verdade. Porque é que os deuses permitiram o surgimento dos seres humanos? Porque eles somente poderiam desenvolver através dos seres humanos as qualidades que, de outra forma, não poderiam desenvolver: a faculdade de pensar, de representar algo em pensamentos, de tal forma que esses pensamentos ficam ligados a distinções {que levaram ao surgimento desses pensamentos}. Essa faculdade só pode ser desenvolvida aqui na Terra, anteriormente não existia e só veio a existir porque os seres humanos surgiram.

Se formos fazer uma comparação, poderíamos dizer que os senhores podem olhar todo o tempo que quiserem um grão de trigo, mas dele não vai crescer o trigo. Os senhores devem enterrar o grão na terra e deixar que cresça, que as forças do crescimento ajam nele. Aquilo que as entidades divino-espirituais tinham antes do surgimento do ser humano pode ser comparado ao grão de trigo. Se este tiver que crescer sob a forma de pensamentos, deve ser inicialmente cultivado pelo ser humano no mundo físico. Não existe qualquer outra possibilidade de cultivar pensamentos a partir dos mundos espirituais do que deixar que eles cresçam através das encarnações de seres humanos.

Portanto, o que os seres humanos pensam no mundo físico é algo único, e a isso soma-se o que é possível nos mundos superiores. O ser humano é indispensável, caso contrário, os deuses não teriam permitido o seu surgimento. Eles o permitiram para ter, através do ser humano, também sob a forma de pensamentos aquilo que já tinham. O que desce dos mundos superiores nunca teria tomado a forma de pensamentos se os seres humanos não lhe tivessem dado essa forma de pensamentos. Quem não quiser pensar aqui na Terra, priva os deuses daquilo com o que eles contam e, assim, pode acontecer de não ser realizada na Terra a tarefa que é eminentemente humana, de não se atingir o destino que é eminentemente humano. O ser humano só pode chegar a isso {realizar o destino humano} naquelas encarnações nas quais ele realmente aceitar o trabalho de pensar.

Quando se pensa a esse respeito, chega-se a outras conclusões. As revelações que existem sobre os verdadeiros fatos do mundo espiritual podem chegar de diversas maneiras à alma humana. Certamente que é possível, e em muitos casos é real, que as pessoas adquiram a clarividência visionária sem ser profundos pensadores. Poucos daqueles que atingem o pensar lógico chegam a isso. Mas as vivências do pensador aguçado no mundo espiritual são muito diferentes das vivências de quem não atinge o pensar lógico. A diferença consiste em que o que se revela dos mundos superiores se expressa muito melhor nas formas de representação que levamos como pensamentos aos mundos superiores. Os pensamentos são os melhores meios de expressão.

Se alguém não for um pensador, as revelações buscam outras formas {para chegar aos seres humanos}, como as imagens sensoriais. Essa é a forma mais comum pela qual quem não é pensador recebe as revelações. É assim que os senhores podem ouvir do clarividente visionário que não é pensador a forma como ele relata as revelações em imagens sensoriais. Elas são muito bonitas, mas, ao mesmo tempo, devemos estar conscientes de que a vivência subjetiva é diferente, a depender se os senhores têm essa revelação como pensadores ou como não pensadores. Quando os senhores recebem revelações e não são pensadores, elas são imagens sensoriais, que contêm uma ou outra figura, são uma revelação que provém do mundo espirituais. Digamos que os senhores vêem uma forma angelical ou um símbolo que expressa algo, uma cruz, um altar, um cálice. Isso se encontra no campo suprasensorial, os senhores vêem como uma imagem pronta. Ela não é uma realidade, é uma imagem.

O clarividente pensador vivencia as experiências do mundo espiritual de maneira diferente na consciência subjetiva, em comparação ao não pensador. As experiências não surgem assim de repente de uma vez só, assim de roldão. Comparem os senhores um clarividente visionário pensador e um não pensador. Se ambos tiverem a mesma experiência, o não pensador vê logo os fenômenos do mundo espiritual, enquanto que o pensador não os vê logo, mas um pouco mais tarde e, no momento em que os vê, eles já foram apreendidos pelo seu pensar. Ele já pode distinguir, pode saber logo, se eles são verdadeiros ou falsos. Ele vê os fenômenos um pouco mais tarde {em comparação ao clarividente não pensador}. Na medida em que ele vê os fenômenos do mundo espiritual mais tarde, estes surgem já perspassados pelo seu pensar e pode conferir se eles são falsos ou verdadeiros. Pode-se dizer que ele recebe os fenômenos antes de vê-los. Evidentemente que ele os recebe ao mesmo tempo que o não pensador, mas os vê um pouco mais tarde. Mas quando os vê, os fenômenos já contêm o pensamento, o juízo, e pode saber perfeitamente se é uma imagem aparente, se é um objetivação de seus próprios desejos ou uma realidade objetiva.

Essa é a diferença em relação à vivência subjetiva: o clarividente visionário que não é um pensador vê logo o fenômeno; o pensador, um pouco depois. Em compensação, o não pensador fica ao nível do fenômeno que viu e só pode descrevê-lo a partir desse nível {de percepção}. O pensador entretanto pode incorporá-lo ao mundo físico convencional, pode estabelecer relações entre o fenômeno espiritual observado e o mundo material. O mundo físico é, a exemplo de qualquer fenômeno, também uma revelação do mundo espiritual.

Assim, os senhores vêm que, se estiverem dotados dos instrumentos do pensar, terão a segurança de poder julgar o que lhes é apresentado do mundo espiritual. E tem mais. Pode-se discordar do valor das comunicações do mundo espiritual, enquanto não se vê os fenômenos correspondentes por conta própria. Vamos acrescentar uma terceira pessoa ao {grupo formado pelo} clarividente pensador e ao clarividente não pensador, uma pessoa não clarividente, que recebe as comunicações da pesquisa espiritual geradas por meio do pensar profundo e da visão clarividente. Essa terceira pessoa vai considerar razoáveis essas comunicações. Sim, são fatos do mundo espiritual. O clarividente visionário pensante capta esses fatos, assim como também qualquer pessoa que os capta racionalmente, mesmo que não tenha consciência {da veracidade desses fatos}. Os senhores não precisam ser clarividentes e, mesmo assim, recebem em si mesmos todo o valor do que captaram através das comunicações.

É muito diferente quando a pessoa só tem algo do que quando tem consciência de ter esse algo. Assim, pode-se entender claramente a relação de um discípulo espiritual que não é vidente com a clarividência. Digamos que os senhores receberão uma herança, mas ainda não sabem disso. Mesmo assim, hoje ela já tem um valor específico para os senhores. Os senhores só irão tomar conhecimento no futuro de que se tornaram herdeiros, mas mesmo assim a herança já pertence aos senhores. Isso mesmo acontece com a pessoa que toma conhecimento dos fatos do mundo espiritual por meio da Antroposofia. Quem a compreende racionalmente tem esse conhecimento, é dono dele e assim pode esperar o momento quando chegará a ter consciência desses fatos dos mundos espirituais. Mas isso é algo que não tem o mesmo significado do que ter posse dos fatos. Isso torna-se especialmente claro após a morte. Utilizando palavras triviais para elucidar isso, pode-se perguntar: o que tem um significado maior para o ser humano após a morte, se ele era clarividente não pensante em vida ou se ele recebia comunicações espirituais puras sem ser clarividente?

Pode se imaginar facilmente que a clarividência visionária na Terra daria uma preparação mais adequada para a vida após a morte do que o simples ouvir comunicações do mundo espiritual. Mas não é nada disso! Após a morte, o ser humano se beneficia muito pouco do fato de só ter sido clarividente {não pensante na Terra}. Quando um fato se apresenta {no mundo espiritual}, a pessoa que recebeu racionalmente as comunicações do mundo espiritual na Terra passa imediatamente a ter consciência do conteúdo dessas comunicações. É isso que tem valor após a morte, o que a pessoa entendeu {na Terra} das comunicações, independentemente dela ter sido clarividente ou não. Vejam os senhores o caso de um elevado iniciado, que, através de sua clarividência, pode contemplar todo o mundo espiritual, mas, como não esteve em condições de expressar esses fatos em conceitos humanos, a clarividência não eleva o seu significado após a morte.

Após a morte, só serve ao ser humano aquilo que ele desenvolveu sob a forma de conceitos {durante a vida na Terra}. Estes são os grãos de trigo para vida após a morte. Evidentemente, o clarividente visionário e pensante utilizará de maneira mais útil o que ele toma conhecimento {dos eventos da vida espiritual} graças à clarividência. Mas o clarividente visionário não pensante e uma pessoa que não pensa em termos lógicos e só ouve o relato desse clarividente estarão na mesma situação após a morte, pois aquilo que a pessoa desenvolve aqui na Terra com a ajuda do pensar fundamentado é o que ela leva para a vida após a morte. O que levamos como semente {para o

mundo espiritual} não é o que tiramos do mundo para o qual vamos depois da morte. O que recebemos dos mundos superiores não é um presente para sentir-nos cômodos quando abandonarmos o plano físico, mas para transformá-lo em elementos próprios da Terra. Enquanto mais comunicações transformarmos em elementos próprios da Terra, maior será a ajuda após a morte. Isso é o essencial.

Essa é a situação após a morte. Mas mesmo aqui na Terra a situação de um clarividente visionário é diferente da do clarividente pensante. Com certeza, é bonito ver os fatos do mundo espiritual, mas mesmo assim é diferente ver apenas como visionário, além de que, quem não pensa em termos lógicos, nunca está isento de se iludir. Não existe outro meio de evitar a ilusão do que o pensar fundamentado. Independente disso, digamos que um clarividente visionário viu isto ou aquilo do seu jeito - isso os senhores percebem pelas imagens que ele relata -, mas isso é mesmo penetrado por elementos do mundo físico. Ou será que alguém já descreveu aos senhores um anjo desprovido de elementos do mundo físico? O anjo tem asas, mas os pássaros também as têm. A parte superior do anjo tem um torso humano, mas todo ser humano na Terra tem torso. Com certeza que o conjunto dos elementos que o clarividente visionário {não pensante} conta não existe no plano físico, mas os seus elementos constitutivos existem neste mundo material. Isso não é ilegítimo. Mas os senhores pode concluir que uma imagem assim contém restos da Terra.

As visões dos senhores, que têm formas e imagens retiradas da Terra não pertencem ao mundo espiritual, são a simbolização do mundo espiritual por meio de elementos do mundo físico. Eu expliquei isso claramente no livro *A ciência oculta*<sup>2</sup> de que realmente a clarividência da atualidade deve ir ao ponto de, para começar o seu desenvolvimento inicial, precisa de imagens, mas que deve superá-las para se desfazer do último elemento da Terra naquilo que vê. Com isso, surge um certo risco para o clarividente. Quando ele, por exemplo, vê um anjo e se desfaz dos elementos da Terra, existe o risco dele perder a clarividência. O que realmente preserva a pessoa de se perder quando está no mundo espiritual é a semente que surge do pensar. Os pensamentos fornecem então a substância para perceber o que existe no mundo espiritual.

Assim, mantemos a faculdade de realmente viver no mundo espiritual, de lançar mão no mundo físico daquilo que não é penetrado pelos elementos sensoriais e que, contudo, existe no mundo físico. Ele é única e exclusivamente o pensamento. Nada mais devemos levar ao mundo espiritual, exceto os pensamentos. Por exemplo, de um círculo desenhado com giz, nada levaremos do giz, mas sim o pensamento do círculo. Com os pensamentos, podemos ascender aos mundos espirituais. Nada devemos levar da imagem {do círculo de giz}.

Agora eu posso descrever mais detalhadamente o processo subjetivo mencionado anteriormente. Digamos que o ostensório é visto no mundo espiritual. Vou caracterizar o clarividente visionário e o clarividente pensador de tal maneira que posso imaginar que o primeiro vê {os fenômenos do mundo espiritual} aqui, em a (ele desenha), e o segundo, o clarividente pensador, só aqui, em b. A partir de b é que o segundo tem consciência {dos fenômenos espirituais}. Mas ele já os recebe com os pensamentos e pode penetrá-los com pensamentos.

No momento em que o clarividente pensador penetra as imagens com pensamentos, aí elas tornam-se opacas e escuras para o clarividente visionário não pensante. Depois de certo tempo, este a vê novamente claras. Justamente onde o pensamento pode unir-se à imagem é que a imagen se

---

<sup>2</sup> Veja *A ciência oculta – Esboço de uma cosmovisão supra-sensorial* (GA 13), Antroposófica, São Paulo, 2006, publicada originalmente em alemão em 1910.

tornar imprecisa para o clarividente visionário não pensante. Ele não tem condições de fazer essa conexão. É por isso que nunca tem a vivência de estar presente com o seu eu {na Terra}. O clarividente meramente visionário não conhece essa vivência.

a ————— b

Assim, entramos na área mais íntima do tema e , então, vê-se como é importante avaliar o que se deve fazer, o que realmente é necessário fazer, para educar o pensar, para uma pessoa vencer a comodidade de não querer se apropriar de um conhecimento. É mil vezes melhor atingir inicialmente as representações espirituais através do pensar e depois, conforme o carma de cada pessoa, poder ascender por conta própria aos mundos espirituais, do que primeiro ver {clarivamente} e não poder alcançar o que se comunica no chamado movimento antroposófico. É mil vezes melhor conhecer a Ciência Espiritual sem ser clarividente do que ver algo e não ter a possibilidade de penetrar os fenômenos também pelo pensar, porque, nesse caso, gera-se insegurança no processo.

Os senhores podem contudo expressar melhor tudo isso, na medida em que dizem que, na atualidade, existem pensadores profundos, que têm racionalmente a visão de mundo da Ciência Espiritual. Porque é que tão difícil para algumas dessas pessoas tornar-se clarividentes? É mais fácil para quem não é um pensador profundo chegar à clarividência visionária e tornar-se ligeiramente arrogante perante o pensar, enquanto é, proporcionalmente, mais difícil ao pensador adquirir também a clarividência. É muito afiado o fio da navalha sobre o qual repousa certa arrogância disfarçada. Não existe nada mais propício ao cultivo da altivez do que a clarividência desprovida das luzes do pensar. Ela é especialmente perigosa, porque a pessoa em geral nem percebe essa altivez e inclusive se autodeclara modesta. Ela não está de jeito nenhum em condições de avaliar a gigantesca arrogância contida no ato de atribuir pouca atenção ao trabalho pensante de uma pessoa e valorizar mais certa inspiração {recebida}. Nisso existe uma gigantesca arrogância disfarçada.

Bom, a questão é porque, como a experiência ensina, torna-se tão difícil para certos pensadores atingir também a clarividência? Isso tem relação com um fato importante. O que é chamado de discernimento, a força do juízo, que justamente o pensador desenvolve com o pensar lógico, gera especificamente uma determinada mudança de toda a constituição do cérebro. O pensar aguçado muda o instrumento físico do pensar. A pesquisa física pouco sabe disso, mas é assim mesmo. Fisicamente, o cérebro de um pensador tem um aspecto diferente do cérebro de um não pensador. Que um deles seja clarividente não influi em nada. O cérebro do não pensador tem sinuosidades muito complicadas, enquanto que o do pensador mostra sinuosidades relativamente simples, sem grandes complicações. O pensar se expressa justamente na simplificação das sinuosidades cerebrais. A ciência atual nada sabe disso.

O pensar profundo é aquele que vislumbra, não aquele que se dedica a analisar. É por isso que as sinuosidades cerebrais do pensador são mais simples. Onde quer que a pesquisa física consente em ocupar-se do pensar profundo no sentido físico, aí mostra-se logo que a ciência física confirma o que a espiritual afirma. O exame do cérebro de Mendelejew<sup>3</sup>, a quem a ciência deve a estruturação do sistema periódico dos elementos químicos, dá a razão ao que a Ciência Espiritual diz. As sinuosidades do seu cérebro eram simples. De certa forma, ele possuía um pensar abrangente e a pesquisa física revela a verdade do que eu disse. Isso não é nada importante, é apenas para constatar.

---

3 Dimitirij Iwanoviwtch Mendelejw (1834-1907), físico russo.

Portanto, dá-se uma simplificação do instrumento físico do pensar, que é realizada pela própria atividade pensante. Ninguém nasce com todas as qualidades que posteriormente terá na vida, talvez nasça com a base para isso, mas essas qualidades devem ser cultivadas e por isso o cérebro muda durante a vida. O cérebro do pensador {no final da vida} é diferente daquele que tinha no início da vida.

A questão é que o nosso corpo etérico, que precisamos separar do corpo físico para ter a clarividência consciente, está preso ao cérebro pelo processo pensante. A atividade pensante amarra, liga, muito fortemente o corpo etérico ao cérebro. Se por razões cármicas uma pessoa ainda não tem a força para separar isso na hora certa, pode acontecer dela não atingir nada de especial na área da vidência dessa vida. Digamos que uma pessoa tem o carma de ter sido um pensador profundo numa encarnação anterior. Então o corpo etérico não mobiliza muito fortemente o cérebro, a pessoa pode se separar facilmente do corpo etérico e, justamente porque os elementos do pensar são as melhores sementes para entrar nos mundos espirituais, ela pesquisa da forma mais fina possível os segredos dos mundos superiores. A pessoa deve evidentemente separar novamente o corpo etérico do cérebro.

Contudo, se o seu corpo etérico se atrapalhou no cérebro físico durante as filigramas do processo pensante, pode acontecer de seu carma ter que esperar longamente até acontecer essa separação. Mas quando ela ascende {aos mundos espirituais} passa pelo ponto do pensamento lógico. Este último não se perde, ninguém pode subtrair o que ele conquistou, algo muito importante, porque em outros casos pode-se perder a clarividência. Volto a enfatizar que todos os senhores foram clarividentes no passado. Porque não possuem mais a faculdade da clarividência? Porque os senhores naqueles tempos não se ligaram à existência terrena, porque estavam enlevados no mundo espiritual, porque a clarividência {que eles tinham} se baseava no enlevamento.

Isso deve ser considerado. Devemos levar essas filigramas no coração. A pessoa deve ter a clareza de que hoje em dia uma verdadeira Ciência Espiritual tem a tarefa de comunicar aqueles resultados da pesquisa clarividente que têm a ver com o conteúdo do pensar, de tal forma que esses resultados possam ser compreendidos pelo pensar de quem não é clarividente. Porém, para isso essas pesquisas precisam primeiro ter acesso ao pensar. Essa é a dificuldade dos velhos livros {esotéricos}, que fazem referências aos fenômenos dos mundos superiores. Se os senhores lerem esses livros a partir da atual Ciência Espiritual, encontrarão neles uma deficiência. Esses velhos livros talvez apresentem comunicações extraordinárias, mas o homem moderno nada entende delas, a menos que seja clarividente, enquanto que quem se esforçar a partir dos elementos do pensar no plano material pode entender os livros da atual Ciência Espiritual. Isso, porque {neste último caso} os mesmos conceitos são utilizados tanto para o mundo espiritual quanto para o físico. A Ciência Natural da atualidade fala de desenvolvimento e a Ciência Espiritual também. Uma vez que os senhores compreendem o conceito de desenvolvimento, podem entender o que a Ciência Espiritual comunica a esse respeito.

Os senhores podem gerar um conceito de carma, porque é possível ter uma imagem mental dele. Todavia, se os senhores disserem, a exemplo de certos teósofos, de que toda causa espiritual gera um resultado espiritual e isso é carma, então os senhores não têm um conceito do carma. A lei da causa e do efeito também se manifesta entre as bolas de bilhar em movimento, mas elas não permitem a comparação correta com o carma. No lugar disso, coloquem um pedaço de ferro num copo de água. Enquanto o ferro estiver frio, a temperatura da água não muda. Mas se o ferro estiver quente e for colocado no copo a água vai esquentar. Como consequência do que aconteceu com o ferro, a água esquenta. Isso pode ser comparado ao carma, no qual um acontecimento posterior é o resultado do que ocorrera anteriormente.

Devemos ter em mente que cada pessoa que penetrar com seus pensamentos os fatos do mundo espiritual pode comunicá-los de tal maneira que quem conquistar seus pensamentos no mundo físico também pode utilizá-los naquilo que é comunicado do mundo espiritual. Aí então ele pode entendê-los. Todo mundo pode sentir isso vivamente. As pessoas devem entender que a questão não é apenas receber comunicações dos mundos superiores, mas recebê-las de forma adequada às condições de vida na Terra. Certamente que existe a comodidade de simplesmente acreditar nessas comunicações. Esse é, porém, um grande mal. Isso corresponde mais ou menos à situação de uma pessoa acreditar de que existe a luz, quando ela na verdade precisa da luz para iluminar um quarto. Ela precisa da luz, mas não da mera crença na luz. É importante que a pessoa possa inicialmente captar a forma de reflexão conscienciosa e fundamentada para, através dessa forma, receber as comunicações dos mundos superiores. Estas só podem ser pesquisadas se a pessoa for clarividente, mas qualquer pessoa que as receber adequadamente pode entendê-las.

Se se pensasse dessa maneira, todos os riscos ligados ao chamado movimento antroposófico estariam mais ou menos resolvidos. Os riscos surgem quando as pessoas desenvolvem faculdades clarividentes e não se preocupam, paralelamente, em enriquecê-las com o pensar e o conhecimento que os instrumentos do pensar proporcionam. Muitas pessoas têm a ambição de querer tirar algo do mundo espiritual e não agem realmente com cuidado para conhecer o que deve ser conquistado no mundo físico. Deus nenhum pode captar o mundo em pensamentos, enquanto não se encarnar na Terra. Pode-se captar o mundo de outras formas, mas quem quiser fazê-lo através do pensar deve-se encarnar na Terra. Qualquer pessoa pode concluir que desenvolver faculdades interiores sem utilizá-las adequadamente gera certos riscos. Quem desenvolver uma determinada clarividência visionária, mas não a utilizar adequadamente por não querer convencer o mundo com a apresentação {compreensível} dessa qualidade, quem ficar no plano astral e não consegue trazer suas experiências ao nível físico, corre o risco de ver como se abrirá um abismo entre as suas visões {do mundo suprassensível} e a vida na Terra.

Digamos que uma pessoa tem visões muito especiais do plano astral. Elas poderiam ser reais, inclusive o vidente visionário não pensador pode tê-las, mas surge um abismo entre essa pessoa e o que existe no mundo físico. Imaginem os senhores que uma toalha seja o mundo físico, o vidente visionário coloca-se diante dessa toalha e tem captado uma visão. Porém, por trás do mundo físico está o mundo realmente espiritual. O mundo físico é *maja*<sup>NT</sup>. O vidente visionário não pensador não consegue afastar o mundo físico, que só some para quem utilizar os instrumentos do pensar. É a partir daí que os senhores vão além do plano físico e só se pode entender isso graças à clarividência pensante. O mundo físico está aí, mas os senhores não vêem o verdadeiro mundo espiritual. Surge o abismo e o mundo físico continua sendo *maja*. A impossibilidade de ultrapassar o mundo físico resulta da incapacidade do cérebro de afastá-lo.

Se os senhores aprenderem a pensar corretamente, aí não precisariam usar diretamente o cérebro. O pensamento trabalha no cérebro, mas a atividade pensante não precisa de usar diretamente o cérebro. É uma insensatez quando alguém afirma que o cérebro pensa. Certa vez, eu conversava na rua com um jovem estudante que estava a caminho de tornar-se um materialista absoluto. Ele disse que, quando ele pensava, os átomos do cérebro flutuavam, que cada pensamento assumia uma determinada forma e descrevia uma espécie de alma que pensava, o que realmente é uma insensatez. Portanto, o cérebro pensava. Eu lhe disse: "diga-me, porque você é mentiroso? Se for da maneira como você fala, você não deveria dizer 'eu penso'. Você deveria dizer: 'meu cérebro pensa'. E também dizer 'meu cérebro come, meu cérebro vê o sol'. Isso seria a verdade". Dessa forma, ele veria logo a insensatez que ele carregava consigo.

---

NT: conceito sânscrito, traduzido como ilusão e também como o grande nada existente.

Portanto, não é o cérebro que pensa. Como eu mostrei, isso pode ser esclarecido por meio de considerações bem triviais, a menos que a pessoa seja um autêntico moderno materialista. A atividade pensante não precisa inicialmente de jeito nenhum usar o cérebro como instrumento. O cérebro não participa quando o pensamento se torna puro, apenas participa na formação de símbolos. Quando os senhores imaginam um círculo de giz, isso só se dá por meio do cérebro, mas quando os senhores pensam num círculo puro, isto é, pensam em símbolos, aí o próprio círculo é ativo e então forma o cérebro. Mas um clarividente visionário não fica no seu corpo etérico e não chega de maneira nenhuma até o cérebro físico. A pessoa pode viver a vida toda na clarividência visionária. Isso não modifica o cérebro. Mas assim não se chegará nunca a ultrapassar o abismo do *maja*. Isso só é possível quando se utiliza o pensar.

Quem despreza o uso do pensar, desenvolve faculdades que, digamos assim, não chegam aos objetos, realmente não chegam ao mundo espiritual. O resultado disso é que se gera uma relação equivocada entre o que essa pessoa desenvolve permanentemente no seu corpo etérico e o ser humano que ela realmente é. Forma-se uma relação completamente equivocada, pois seu cérebro não corresponde à suas faculdades clarividentes. O cérebro é bruto, porque essa pessoa não se ocupou de enobrecê-lo com pensamentos. Criou-se algo que a pessoa não pode ultrapassar, um obstáculo para chegar com as suas visões ao mundo espiritual. Ela se afasta da realidade, no lugar de se aproximar a ela.

Assim, não existe a menor possibilidade de se decidir sobre o {que se vivencia no} mundo espiritual. Uma pessoa assim poderá certamente ver o mundo {espiritual}, mas nunca terá a certeza de que o que ela vê corresponde à realidade. Só decide quem sabe distinguir entre uma simples visão e a realidade, pois somente o discernimento tem a faculdade de distinguir. Quem não tem essa faculdade, nunca poderá distinguir entre uma simples visão e a realidade. Só se alcança o discernimento pelo trabalho no mundo físico. Quem desprezar a atividade pensante que se consegue com esforço, vai flutuar sempre sem fundamento.

É isso que a pessoa deve sentir vivamente. Assim, evita-se o que facilmente acontece quando uma pessoa desenvolve a clarividência e cria uma barreira em relação ao mundo físico, pois essa pessoa não tem mais completamente juízo. Pode-se conquistar a ponderação por meio do trabalho no único lugar onde ela pode ser formada: pelo pensar no mundo físico. Quem desprezar o desenvolvimento da ponderação, fica pairando no erro. Devemos adquirir a ponderação, caso contrário surgirão todos os prejuízos que vêm juntos com o chamado movimento antroposófico.

Quem quiser crer cegamente, quem aceitar as comunicações dos mundos superiores devido à mera autoridade de alguém e sem pensar razoavelmente, assume uma atitude cômoda, mas perigosa. No lugar de esforçar-se em trabalhar esses temas, no lugar de refletir por conta própria, ela absorve o conhecimento de uma outra pessoa que viu essas coisas. Renuncia-se a tentar entender intelectualmente o que uma pessoa comunica. Isso gera os danos que podem surgir por meio do movimento antroposófico. Evidentemente, ninguém deveria temer participar deste movimento, de entregar-se a ele. Mas uma pessoa que crê cegamente pode chegar a se perder, pode chegar a deixar de distinguir entre a verdade e a mentira.

Nada estimula mais a mentira do que uma mera clarividência visionária que não se sustenta nem se deixa controlar pelo pensar. Por outro lado, essa forma de clarividência cultiva uma certa arrogância, uma certa altivez, que pode chegar à loucura. Ela é muito mais perigosa, justamente porque a pessoa não a sente. É grande o risco da pessoa achar ser melhor do que outras, porque vê

aquilo que outras pessoas não vêem. Geralmente, não se sabe de jeito nenhum que essa situação à beira da loucura está profundamente arraigada na alma. A pessoa se esconde de certa forma atrás do que jura ser com toda certeza produto dessas visões e não tolera ser contestada. Pode-se constatar que as pessoas acreditam nas coisas mais disparatadas quando elas são faladas do plano astral. Elas não acreditariam se uma pessoa as falasse a partir do mundo físico, mas quando é dito do plano astral elas acreditam servilmente.

Quem perder esse hábito, não vai cair em cada nova mentira e em cada novo disparate, mas pode reincidir, se não criar em si mesma o impulso de conferir o que é comunicado para evitar mais uma vez acreditar comodamente. Não se deve facilitar. Deve-se considerar que chegar a uma convicção é uma das mais sagradas questões do ser humano. Quem assim agir, não vai poupar meios para conferir a verdade e não vai acreditar em comunicações sensacionalistas. Pode-se dizer que recebemos muitas comunicações do mundo espiritual, mas é necessário conquistar a postura correta e a representação mental certa para proceder adequadamente nestas questões.

É isso que eu quis falar hoje. Não queria apenas advertir, como se fosse um sermão, mas falar com fundamento. Talvez por isso acompanhar esta conferência tenha sido {para os presentes} um trabalho intelectual um pouco pesado. Eu tento sempre manter os meus métodos como se exige como sendo o certo no movimento científico-espiritual. Muitas pessoas esperam advertências perfumadas. Eu abro mão delas. Eu tento apresentar as questões de tal forma que elas apresentem verdadeiras formas de pensamento. Quando se tenta discutir temas do mundo físico como hoje, isso exige às vezes um trabalho intelectual difícil, pois não tem nada de sensacionalista nem de agradável, como as questões do mundo espiritual, mas são profundamente importantes.

Os senhores não irão subestimar a importância destes temas se considerarem o seguinte: se realmente acontecer o que deverá acontecer, que nas próximas encarnações uma quantidade suficientemente numerosa de seres humanos poderá se lembrar da atual encarnação, então é preciso preparar-se para que isso aconteça. Se os senhores cultivarem a sua razão, serão candidatos a lembrar nas próximas encarnações o que ocorreu na atual. Dediquem-se a acompanhar o mundo com pensamentos, pois mesmo que os senhores vejam muito visionariamente nada disso vai ajudá-los {numa futura vida terrena} a se lembrar da atual encarnação. Mas a Antroposofia está no mundo para preparar aquilo que deve acontecer porque isso é necessário: que {no futuro} haja uma quantidade suficientemente numerosa de seres humanos que realmente possam olhar a partir do próprio conhecimento retrospectivamente na sua atual encarnação.

Depende do carma individual quantas pessoas poderão acompanhar nesta encarnação o conhecimento científico-espiritual com faculdades clarividentes. Muitas pessoas aqui sentadas têm o carma de que não chegarão a ver o mundo de forma clarividente nesta encarnação. Mas todas aquelas que adquirirem aquilo que a verdadeira Ciência Espiritual oferece e é apresentado sob a forma de pensamentos poderão colher os frutos disso nas próximas encarnações, pois terão adquirido o fundamento para chegar a isso. Pode-se dizer que o ser humano pode chegar a ser clarividente sem saber e aquele que estudou metódicamente a Ciência Espiritual *chegará* {NT: no original} à clarividência e pode esperar até que o seu carma lhe permita ver também clarividentemente.

\*GA 117 Os profundos mistérios da evolução humana à luz dos Evangelhos Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1986.